

O MELHOR PSYCHOLOGO



Mucio de Castro Serra

Nunca leu um psychologo. Si lhe perguntassem quem é Freud, estou certo de que elle levaria a mão pelluda ao queixo azulado de barba, fixaria os olhos castanhos num ponto indeterminado do espaço, e quedaria, absorto, a vêr si arrancava à memoria preguiçosa a lembrança de alguém que tivesse conhecido com esse nome estrambótico: — Freud.

E, depois de alguns momentos de inutil concentração mental, seria bem capaz que elle encarasse novamente o seu importuno interlocutor, e, por sua vez, arriscasse esta pergunta ingenua: — "Freud?... Será algum outro vendedor de prestações... mais barateiro do que eu?..."

E não comprehendera porque sorriamos...

Entretanto, elle é psychologo. Finíssimo. Profundo conhecedor da alma humana — maxinê, da alma feminina, que é tão cheia de subtilidades e mysterios...

Com um livro abei o ante os olhos, fingindo lêr, observo-o: chegou ha pouco, montando sua bicycleta espondongada, com u'a mala enorme amarrada ao "portabagagem". Descarregou-a, pressuroso, e transportou-a para cá, para este terraço, onde estamos, lendo ou palestrando, numa invejavel *fañantise*, eu e mais umas cinco moças. Largou o peso da mala ao mosaico, abtiu-a, e, falando, sorrindo, gracejando, foi tirando do seu bojo toda uma loja de fazendas e armarinhos, empilhando tudo em confusão, ao longo do parapeito e pelo chão em redor... Casacos de lã, *pull owers*, *swaters*, *cache-cols*, corte de vestidos de todos os tecidos e de todas as côres, — tudo se estadeou à luz da admiração cubiçosa das prováveis freguezas...

E elle, com uma finura surpreendente, vai desenrolando nas mãos das presentes as suas peças de fazendas, debitando prolixos elogios à conta dos seus padrões.

Adivinha os gostos de cada uma: sabe, por intuição, que a esta agrada o verde assanhado — côr de periquito; — aquella, o azul desmaiado; — côr de sonho; — aquella ontra, o róseo — côr de beijos; — e aquella mais, a "beije"

O 5.º Congresso de Hygiene

A realização do Congresso de Hygiene que se reuniu nesta capital, deixou bem indelevel, o vinculo de congraçamento profissional entre os Estados do Brasil, numa finalidade magnifica de Eugenia que preocupa os proceres da sciencia Medica.

Dentre as possibilidades do nosso meio, Pernambuco soube patentear de modo frisante a sua valiosa contribuição aos destinos sanitarios do paiz. Como São Paulo, Rio, Bahia, Rio G. do Sul, Minas e todos os outros Estados representados no 5.º Congresso aqui reunido, Pernambuco soube dar exemplo de trabalho, efficiencia e cultura da Hygiene, sob o reflexo nunca extinguiavel daquelle que tão cedo desaparecen.

Amaury de Medeiros esteve presente a essa reunião e effictifica pela magestosidade do templo de saúde que elle proprio criçta, com a argamassa vigorosa, indestructivel dos seus trinta e poucos annos de idade. Elle assistiu a esta feira de sciencia, pela continuação ininterupta de trabalhos que Gonveia de Barros soube manter.

Elle assistiu a este momento pela homenagem sentida dos que lhe admiravam, pela saúde consoladora dos que lhe prantelaram.

A reunião do 5.º Congresso de Hygiene em Recife, marcou na historia da Medicina Brasileira, um dos raros acontecimentos de distincção e cordialidade.

— côr... côr de bocejo (para rimar com beijo)...

E fala; e pelega por convencer:

— "Azul p'ra Senhora... Que harmonia! Moça clara, vestido azul, é linda!"

E vai estendendo, semcerimoniosamente, no regaço da moça, clara, todo o panno azul, para que ella veja como a razão é delle, como fica realmente linda, como ella deve, por força, comprar o tal panno...

— "Mas... eu não tenho dinheiro!" — alega a moça.

— "Não diga isso... Moça não precisa de dinheiro... Eu vem buscar no fim do mez... Pôde ficar".

E é a mesma manobra com as demais. A mesma cantilena. Acaba vendo-se livre. de uns dois ou trez côrtes de vestidos e, mais que depressa, trata de atulhar o interior da mala de tudo quanto de lá sahira...

Dos negocios ainda em duvida, tenta seduzir a vaidade da compradora, jurando pela corda com que l'has se enforcou que, usando um vestido *assim assado*, ella ficará, mais bella do que "Miss Brasil..."

Sabe, por experiencia, que a sua persistencia é irresistivel; e lê nos olhos da mocinha o desejo irremediavel de ficar com a mercadoria...

Convencido da victoria, insiste. E desculpa-se, risinho e maneiroso, trancando a tampa da mala:

— "Agora é tarde, senhora! Já fechei a loja. Não é?... Senhora precisa comprar. Não pode mais devolver... Olha..."

E, batendo com os nós dos dedos na tampa da mala:

— "Loja já está fechada. Fim do mez, vem receber..."

O melhor psychologo é o judeu das prestações...

Como ninguém, elle conhece a alma feminina... e a masculina tambem...

A PILHERIA

Revista semanal

Propriedade da S. A. "A PILHERIA"

DIRECTORES:

Dr. Alvaro Ramos Leal
Alfredo Porto da Silveira
Eugenio de M. P. Barreto

Assignaturas:

Brasil—1 anno	48\$000
6 mezes	25\$000
Exterior—1 anno	65\$000
6 mezes	45\$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas.

A "A Pilheria" circula aos sabbados

Nhõ Chico foi até o botequim do Mané portuguezis, encontrando lá, Nhõ Bastião que matava o bicho.

— Bom dia, rapaziada!...

— Bom dia, Nhõ Chico. Uai!!... o que é que mecê tem ahí na bocca que ta falano tão embruiado? Uai gente, mecê não sabe que o dentista está na zona?... eu já mandei pô dente: verdade. Nhõ Chico, agora tô veno, tá memo que é uma boniteza.

Quero vê... bonitos dentes, nem parece que é de defunto que já morreu!

Bonitos dentes, bem miudinhos, branquinhos, uma lasca de ouro no meio, um verdadeiro MASOLEO DE OURO, talvez com uma infecção em fóco. Muito bõa, quem é que feis?

— Pois foi Nhõ Quim dentista, que tá morano junto da Pharmacia.

— Bom trabalho, quanto pagou?...

— Quarentão... não foi caro!...

— Por quantos annos elle garantiu?...

— Sarvo os accidentes, por 10 (dez) annos.

— Ah! eu intê tô cuinveja de mecê, e conforme fô, tambem vô lá vê si cumbino cuelle; pois uns dentes assim tão bonitos, intê dão mais rompante na gente, não acha seu Mané?... E si a Bastiana vê hein?... isso lá é mas pagá quarentão é que dicerto não pago mesmo.

«Nhõ Bastião era tido como o caipira mais experto daquella redondeza. Um dia, Nhõ Bastião resolveu ir ao dentista; e lá foi.

Bateu na porta. Nhõ Quim, meio velhote, conhecedor da arte já ha vinte annos, sahiu fumando o seu picado do Quilombo, para ver quem era.

— Bom dia, seu dentista.

— Bom dia, meu senhor!...

— Vim aqui pra vê si nois cumbina pra mecê me pô uns dentes.

— Pois não, entre. Sua graça?

— Me chamo Bastião, Bastião Raymundo, pra lhe servi.

Pois bem, sr. Bastião, entre e vamos ver o que o sr. quer e o que podemos combinar. Entraram para o gabinete -- gabinete daquelles tempos: uma cadeira de pallinha, uma meza com pedaços de godiva já usada, uma cassarola com agua e os demais apetrechos para fazer uma dentadura.

Quero, disse Nhõ Bastião, uma dentadura com uns dentes bem arvinhos e miudos, com uma lasca de ouro aqui no vão, uma dentadura que pegue bem.

Tataram o preço: trintão.

Naquelle tempo não se usava dar a metade do orçamento adeantadamente: havia uma certa confiança entre os homens.

Indubitavelmente, precisamos hoje lançar mãos das duplicatas, como faz o commerciante. Noutro dia, veio o caipira tirar o molde: no outro, veio provar, como dizem os velhos dentistas. Esperou depois uns dias, até que chegassem os dentes. Quando os dentes chegarem, Nhõ Quim mandou chamar Nhõ Bastião pra provar a dentadura com os dentes.

Elle veio logo. Experimenta, que experimenta, até que Nhõ Quim deu a prova como bõa e combinaram para voltar dahi a tres dias.

Depois de tres dias o homem veio.

A DENTADURA DE

Constantino

Poy a dentadura na bocca, chupa que chupa, até que ella pegou mesmo de verdade, pois, tinha *uma pressão*, quasi em toda a sua superficie de adherencia.

Nhô Bastião, experto como um demônio, disse ao dentista: a coisa parece que é boa, pois o diabo agarra que intê dôem os miolos; e se ella não zangá é memo capais de eu ficá cuella. Olha, eu vou levá a dentadura pra casa e si ella continuá como agora eu fico cuella, mas, si ella zangá, mecê tem que me fazê um abatimento. Leve, leve que ella não se zanga não, ha de sempre pegar bem.

Poucos dias depois, volta o caipira com a dentadura no bolso e diz ao dentista; não é que o diabo da dentadura zangou e não qué pegá mais? mas, como é isso?... não é possivel! é pra mecê vê, zangou, não qué pegá nem nos cachorros!

— Abra a bocca, quero ver. Lá estava o bonito callo violaceo.

— Mas, então ella não pega mesmo?...

— Não pega, não qué pegá mais!! mas, si mecê abate uns deis mil reis, eu levo a dentadura, vou remediando...

— Pois então leve... Nhô Bastião ficou rodante... a coisa pegou... Nhô Quim pegou a dentadura, foi lá pra dentro, fez um pequeno furo na pressão (camara de vacuo) e entregou-a de novo ao caipira, que muito contente, pagou o dentista com deisão de menos.

Poz a dentadura, no bolso e foi-se muito contente; contou no botê-quim de seu Mané o succedido. Lá estava Nhô Chico que, muito chué, ouvia Nhô Bastião contar a ladinagem que fizera ao pobre dentista. Olha, lograr ao dentista de todo, eu não tive corage, mas dez mil reis eu comi delle! E contou a historia toda, a mentira que pregou e ainda se gabava dizendo: coitado, Deus que me perdôe, elle intê parece creança, pois cahiu como um patinho: acreditar em tudo que eu disse e ainda por riba deu mais uma esfregada nella que ficou briando como pudera vê.

— Ponha o dente, Nhô Bastião, vamo vê como é que fica isso. Nhô Bastião poz a dentadura na bocca e chupa que chupa.

— Homéssa... pois não é que este

diabo não qué pegá? chupa que nada... Nhô Bastião pensou em cousa feita pensou que fosse castigo: enfim lidou o que deu o dia, até que cansou e resolveu ir ao dentista. No outro dia bem cêdo foi lá.

Com muito geito, foi entrando e de manso começou a contar a historia da dentadura. Contou, contou, até que Nhô Quim resolveu intervir... Pois si quizer, eu faço com a dentadura pegue outra vez, mas é preciso que mecê compre o modelo da sua bocca, para todas as noites pôr a dentadura em cima delle, do contrario, ella não pega mais.

O caipira, muito desconcertado, acreditou no negocio. Deu mais vintão pra levar o modelo tambem. O dentista, então, pegou a dentadura, levou-a até á officina, tapou o buraco que havia feito na pressão e como ainda tinha o modelo de gesso, deu-o ao caipira juntamente com a dentadura.

Immediatamente, Nhô Bastião poz a dentadura na bocca e chupou... A dentadura pegou outra vez. Então elle, com os

A PILHERIA

Revista mais antiga do Norte do Brasil

A correspondencia, bem como a remessa de dinheiro (por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigido á

Pilheria, S. A.

Redacção e officinas proprias.

39—Rua, Visconde do Rio Branco—39

Recife - Pernambuco

Autophone 2.5.1.5

Acceitam-se trabalhos avulsos de qualquer natureza

« **NHÔ** » **BASTIÃO**

de Andrade

olhos quasi fora das orbitas, disse: pôs então, só por causa deste pestinho é que a dentadura não pegou mais... e foi-se embora resmungando; pois bem dizia meu pae: quem qué lográ dentista sae sempre perdeno. pois essa gente tem parte com... Deus.

Numa tarde feia...

I

Venho da carícia suave dos teus olhos negros para a banalidade inquieta de minha banca de estudo...

II

E, longe de ti, todas as horas me parecem longas, todos os minutos me parecem horas...

III

Lá fora, na tarde que adormece, o crepusculo é uma aguarella de cores vivas que o sol esqueceu.

A paisagem, toda de violeta e cinzas, bocaja no silencio.

As arvores são mais esguias e mais tristes.

Folhas verdes e amarellas. Muitas iolhas amarellas na poeira da estrada...

Agonia da tarde...

IV

Dentro de mim, a tua lembrança é um crepusculo suave...

Sinto-te toda e toda te advinho na saudade melancolica que me entorpece os nervos e amodorra o espirito...

V

E sem querer quasi instfntivamente, os meus labios chamam por ti.

Tenho saudade do teu riso. Dos teus olhos de tréva. Dos teus cabellos. De tua bocca...

VI

Por mais que te veja, quero ver-te sempre...

VII

Os versos harmoniosos do poéia cantam ao meu ouvido:—«Amôr, suave enlevo que entris-tece...»

Mas eu não comprehendo o amor...

VIII

Foi numa tarde assim, de silencio e melancolia, que eu escrevi um «Poéma para os teus olhos...»

IX

Não posso continuar. A luz da tarde desmaia. E' já noite:

Volto novamente para a carícia suave de teus olhos negros...

Americo d' Oliveira.

O desinfectante Ideal

— PHENOLINA —

Preço de lata de 1 litro 2\$000

Indispensavel nas lavagens de
casas e nas desinfeccões

— geraes —

O meu outro Eu

CONTO-SONHO

Paulo Tavares...

Todos o conheciam, todos o admiravam. Moço, 22 annos, rico, muito rico, com uma fortuna que faria inveja aos maiores millionarios norte-americanos, disputado por todos, invejado, amado, sabendo viver o melhor da vida, conhecendo todos os prazeres, todas as delicias, vivia Paulo e era feliz, feliz como ninguem.

A pobreza o louvava por suas obras, obras feitas sem a reclame, sem o espalhamento que sempre acompanha a maioria das obras de caridade, muitos dão mais pela reclame do que pelo bem que o acto de dar possa produzir. Paulo dava pelo prazer de fazer bem, pelo amor ao proximo, era o arrimo de innumeradas familias, era o protector de diversas sociedades beneficentes, os pobres o queriam.

Os ricos o disputavam, uns por inveja á sua fortuna, outros para conseguirem o seu capital para maior desenvolvimento de suas industrias, outros para mostrarem á sociedade que eram seus intimos.

Paulo não vencia sómente por sua riqueza. Vencia pela sua educação, pela elegancia de seus gestos, pela finura de seu trato.

As meninas o queriam, um bom partido, talvez o melhor partido da cidade.

Paulo ria, ria sempre, e continuava a viver... Não havia festa na sociedade sem a presença de Paulo, os paes viam nelle um bom partido, os rapazes um companheiro excelente para as farras, com seis ou sete carros de luxo, com uma fortuna a perder de conta, qual o melhor companheiro para a farras?

As mulheres o queriam, Paulo podia satisfazer o maior capricho, Paulo podia satisfazer todos os caprichos que todas ellas desejassem e Paulo vencia sempre.

Paulo habitava o palacio mais rico da cidade, reuniu dentro delle tudo que havia de melhor no mundo, e dava festas, festas cujo gasto serviria para o sustento de dezenas de familias em um anno.

Paulo Tavares o meu outro Eu.

Eu continuei a sonhar... O Destino havia-me dado a riqueza, a maior riqueza que póde existir. O sonho.

Eu sonhava sempre e assim era feliz. Mas o meu outro Eu como era diferente. Nem o nome era igual. Em tudo diferente.

Mario Lopes, 22 annos, trabalhando em uma fabrica de calçados, obrigado a levantar-se ás 4 horas da manhã para poder pegar o trem que o conduzia ao trabalho, lutando



ALINE galante filhinha do sr. Bartholomeu Pereira Dias e D. Edith Dias residentes nesta cidade

dia a dia pelo pão negro da vida, doente, esse mal que consome centenas de vidas mensaes, esse mal para o qual não ha remedio, esse mal o qual o levará para o tumulo muito breve, sem amigos, sem o carinho de ninguem... assim sou eu.

Não me revolto com a sorte, não maldigo o Destino que me fez assim, eu sou feliz, eu sou muito feliz mesmo, eu sou assim, mas eu sonho, eu tenho uma outra vida, o Destino foi avaro para mim em uma parte, foi bastante generoso em outra, pois me deu a riqueza de sonhar de olhos abertos. Mario é pobre, não faz mal, o outro é rico, com fortuna tão solida que nada haverá no mundo que a desfaça.

Mario dorme em cama de ferro não faz mal, o outro dorme em arminhos, que importa se eu tenho para o almoço um pedaço de pão negro e carne?

Servido por creados de casaca, em pratos de porcellana rica, come o meu outro Eu as mais finas iguarias, os mais deliciosos manjares deste mundo.

De volta á casa, cansado, sujo no trem abarrotado, eu sonho ainda e vejo o meu outro Eu em um rico auto de centenas de contos, reclinado, bem vestido, satisfeito de viver... e eu sou feliz... muito feliz.

Diz virá em que num leito de hospital eu vá terminar os meus dias, mas enquanto Deus permittir que o meu cerebro trabalhe eu sonharei, eu verei o meu outro Eu em uma cama do seu palacio, rodeado por muita gente, e depois, quando morrer que enterro me farão, que acompanhamento, centos de carros que riqueza de corôas, que mar de lagrimas...

Mario irá pera a valla, sem uma for, sem um amigo, sem uma lagrima.

Não importa o meu outro Eu tem um mausoléu de marmore negro com enfeites de ouro.

EU

CABELLOS

UMA DESCOBERTA CUJO
SEGREDO CUSTOU 200
CONTOS DE REIS

A "Loção Brilhante" é o melhor especifico para as affecções capilares. Não pinta porque não é tintura. Não queime porque não contém saes nocivos. É uma formula scientifica do grande botanico dr. Ground, cujos segredos foi comprado por 200 contos de reis.

É recommendada pelos principais Institutos Sanitarios do estrangeiro e analysada e autorizada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

1. — Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.

2. — Cessa a queda do cabello.

3. — Os cabellos brancos descolorados ou grisalhos, volvem á cor natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.

4. — Detem o nascimento de novos cabellos brancos.

5. — Nos casos de calvices faz brotar novos cabellos.

6. — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio.

A venda em todas as drogarias, perfumarias e pharmacias de primeira ordem.

Collaboração

POESIA

NOTURNO

Vem a mim, vem de longe do teu corpo,
Um perfume sensual de mulher e de rosa...

A hora cahe, arrastada, sem conforto,
De um relógio lá fóra... A casa é o tumulto de
um morto
Lucilla a alcova silenciosa.

Inda ha um pouco de ti nas rosas que murcharam.
Que têm séde no vaso, esmirradas afilictas...
No pente, nos crystaes que as tuas mãos tocaram,
No espelho que te viu surdir branca flor linda e
rara,
Dentre um sonho de rendas e de fitas...

Nunca mais voltarás! Pela noite sombria
O vento chora num lamento...
Treas em procissão nos corredores frios
Arrastam mantos de melancolia,
Espectraes e subtis, a passo leve e lento...

Ah! pudesse eu fugir como o vento lá fóra;
Perder-me uivando, na distancia...
E, em vez da calma da desesperança,
Torcer-me a dôr em crise e o desespero em an-
cia!...
Saudade revoltada e cruel!... Ah! como o vento
chora

Que martyrio me vem de longe do teu corpo
Nessa aroma sensual de mulher e de rosa!
Por que vens pelas horas sem conforto,
Turbar a paz ao tumulto de um morto
Perfumando esta alcova silenciosa?

NOCTULUS

ERA UMA VEZ

Era uma vez... Vou te contar a historia:
Um bacharel, um poeta, um sonhador,
Escuta bem e guarda na memoria,
Avistou lindo vulto tentador.

E quiz que fosse para a sua Gloria
O bem maior da vida o seu Amor
Para as delicias desta vida ingloria
Para um futuro bom, confortador...

Foi em Setembro aos dias vinte e tantos
Esse Amor floreceu com taes encantos
Que era a ventura doida delles dois

E iam p.sando sem tormento a vida
Mas... esse Historia toda é tão comprida
Por isso, filha eu contarei depois.

Pessoa Filho

PAISAGEM

Na paisagem nevoenta da tarde amaréla
eu te sinto e toda te advinho dentro de mim...

O «spleen» do crepusculo tem qualquer coisa pa-
recida assim,
com a caricia morna dos teus dedos brancos de
luar ..

A tua imagem, pregada nos meus olhos, está a
brincar
de esconder com a minha saudade...

A tua lembrança, teve como a felicidade,
faz acrobacias no trapezio bizarro de minh'alma...

Vem pelo ar um perfume original
de carne côr de rosa pra bulir com o meu desejo...

A volupia entorpecente do luxo-fusco
tem o estranho sabôr de um beijo...

E' o perfume excitante do teu corpo em flor!
E' o sabôr esquisito do teu beijo moreno!

(Na paisagem da tarde amarela, a tua imagem
continua a brincar de esconder com a minha sau-
dade...)

Alvaro Lyns

PERNAMBUCO

7830

ANNO X

LETRAS - ARTES - MUNDANISMO

RECIFE-PERNAMBUCO

NUMERO 418

DE 26 OUTUBRO DE 1929

DIRECÇÃO DE: PORTO DA SILVEIRA E FERREYRA DOS SANTOS

Os celebres ladrões de gallinhas Pernambucanos

O ladrão entra em casa da gente
sorratamente,
para roubar.
Entra pela janella,
entra pelo telhado.
Chô, ladrão!
Mulato traiçoeiro!
Caboclo semvergonha, quem te ensinou a roubar!
Mas caboclo, porque é que você rouba a gente assim!
Deixa a gente nú, como Lady Godiva no cavallo branco, percorrendo
de cabellos
soltos, as solitarias ruas de Conventry!
Leva a corrente do relógio.
Rouba as gallinhas do visinho
e vende tudo para dar dinheiro a sua amante!!!
Você é um ladrão porco, moleque.
Se você fosse um ladrão mesmo, saberia roubar.
Já era grande homem
E quer que lhe diga? Teria subido mais.
Mas você é um ladrão semvergonha.
Arromba portas de mocambo.
É o estrangulador das gallinhas dos poleiros pobres.
Bate carteira de operarios,
turta embrulhos de mercadorias nos bondes.
Toma vergonha, negro.
Toma vergonha que serás deputado.
E eu, então, direi, todo risonho, quando te ver deputado:
Escellencia, da-me licença uma palavrinha?
E Vossa Escellencia dirá, todo circumspecto:
Se é negocio de emprego é ahi com o meu secretario.

ESDRA - FARIAS



Em pról dos Lazaros -

DOIS FLAGANTES APANHADOS PELA
OBJECTIVA D' A PILHERIA NA RUA
NOVA, QUANDO SE EFFECTUAVA A
PASSAGEM DE MARGARIDAS EM FA-
VOR DOS INFELIZES RECOLHIDOS DO
HOSPITAL DE SANTO AMARO.





Yeda Telles de Menezes
filha da cantora snra.
Telles de Menezes. Este
flagrante foi apanhado
a bordo do "Pedro I"
pela snra. Godofredo
Freire.



EDY filhinha do dezem.
Eutiquilo Autran e sua
consorte d. Elisa Autran
e que fez annos na ul-
tima quarta-feira.

Rosas de St^a. Luzia

(para o ramo de Lucio Varzea)

de Rachel de Queiroz

—Santa Luzia
pois eu hei de ir á festa assim
com estes olhos encarnados?
—Santa Luzia, tenha dó de mim!

Hei de ir vêr o Raymundo com os olhos inchados?

Faça um milagre, Santa Luzia!
Não é você que trata dos olhos dos anjinhos
quando ha no céu algum doente?

—Santa Luzia
se fosse o Raymundo o seu namorado
garanto que você não lhe tinha mandado
os olhos, num pratinho, da presente...

Santa Luzia,
não me deixe ir á festa, feia não!
Dê mais virtude á agua do lin.ão!
Faça que eu fique logo boa desta!
—Faça, e eu lhe dou a flor que elle me dêr na
festa..."

Santa Luzia •
fiz o milagre que ella lhe pedia...

Lá na festa a Maria
distribuia
os olhos e as danças com todo o mundo,
enciumando o pobre do Raymundo...

—“Venha cá Maria!”
—“Vou dansar esta mais o Chico. Espere!”
—“Tome cuidado, não me desespere
que eu faço uma desgraça!
—Ai! meu Deus! Bem que o povo me dizia!
Você já quer mandar em mim! Tem graça
—“Olha uma moça esfaqueada!”

—Pega o homem, pega o homem que elle fogue!”
Na blusa branca da Maria
o sangue desenhou uma rosa encarnada...
—“Santa Luzia!
Tome a flor que o Raymundo me deu hoje!”



film

á Palmyra wanderley

a saudade
senta-se a beira do caminho
triste
como a esperar alguem
que prometeu passar alli aquella tarde
antes do sol ir-se embora...

mas não veio ninguem
só veio a noite...

e a saudade desiludida
vae indo devagar
cantando no atrito do eixo da roda
do carro de boi

a cantiga maguada
das tardes de *Alecrim*...

sobre a campina
verde verde verde
como um mar quieto, vem ondas vem
espumas
o *Tyrol*
deita-se mollemente
á sesta

e fita bem de frente
o ceo azul...

Areia-Preta
fino lençol de areia branca
estendido a secar

vagos bocejos de espumas
frissons de aguas

lá do ceo alto
e a lua sandosa e fria
põe-se a chorar lagrimas de
prata liquida

sobre o mar...

ferreyra dos santos

Desillusão

Não lhe queirò mal porque você fugiu de mim. Não a odeio porque você me deixou sozinho neste immenso deserto que atravessava commigo. Você é mulher, Tem todos os defeitos e todas as virtudes de seu sexo. E' timida e desconfiada. E' femininamente ingrata. Eu lhe dei meu coração porque os seus olhos, de luz corada e triste conversam aos meus olhos silenciosamente, comovidamente, todo o romance amargo da sua vida desclada. Eu lhe dei minha alma,

um signal da sua passagem vertiginosa...

Amei-a. Amei-a porque a julguei diferente das outras mulheres. Amei-a pela sua doçura magoada, pela sua melancolia, pelos seus olhos còr de ouro. Amei-a com um amor que nem o tempo nem a sua ingratidão poderão apagar. Um amor como aquelle de que nos fala Balzac: grande como uma obra prima, e, por isso mesmo, irrealizavel para a maioria dos homens.

ficultassem a minha vontade passional, Sem qualquer ameaça aos meus desejos insatisfeitos e humanos. No emtanto, sempre a respeitei. Meu amor era uma sentinella vigilante, que a defendia contra os meus impulsos de homem. E eu me contive sempre, num tremendo esforço de veneração.

Foi inutil, porém, a minha abnegação. Meu sacrificio não teve o resultado que eu esperava.

E agora aqui estou com o meu grande amor e a minha grande de-



Brandão Sobrinho, apreciado comico brasileiro que estreará no Theatro Moderno quarta-feira, com uma bem organizada companhia de operetas e revistas

porque você me prometteu, entre um sorriso e um olhar, um pouco de felicidade e um pouco de consolo... E voce não me deu nada: nem a volta espiritual da esperança...

Eu julguei que os olhos còr de ouro reflectissem essa sinceridade feminina que eu nunca encontrei no meu caminho. E um momento acreditei que alvorecesse um dia de ventura na noite do meu destino.

Enganei-me. A felicidade não foi feita para mim. E' inutil procural-a. Ella sempre me foge com as mulheres que deixam na minha alma

Você foi a minha ultima desillusão. Eu já não acreditava nas mulheres. Quiz acreditar em você. Confiei-lhe toda a minha sensibilidade torturada.

Dei-lhe toda a minha vida na vehemencia deste amor. Confessei-lhe os segredos mais dolorosos do meu coração. Fui generosamente franco. Deante de você, pratiquei gestos que nunca mulher alguma merecera de mim.

Tive-a perto dos meus anseios. Perto dos meus braços e dos meus labios.

Sem impecilhos materiaes que dif-

ficultassem a minha vontade passional. Mas nem por isso deixo de querel-a. Ficarei com a lembrança desta illusão de um momento. Recordando-a sempre. Ha mulheres que a gente não pôde esquecer. Você ficou na minha vida e na alma.

Amei-a. Agora é que eu comprehendo a phrase de Balzac, esse grande medico do sentimento: «O amor é a unica paixão que sofre com o futuro e com o passado».

Você é o meu passado e ha de ser o meu futuro.

Não lhe quero mal porque você fugiu de mim...

A PILHERIA

Dr. João Pessôa, illustre presidente do Estado da Parahyba, que visitou a nossa capital no ultimo sabado em propaganda da sua candidatura a vice-presiden-



cia da Republica tendo recebido as mais carinhosas manifestações do povo pernambucano. S. Exa, regressou a sua terra natal na ultima segunda feira.

A pagina que eu escrevi para você...

Gosto de pensar em você, nessas tardes de verão, quando o sol toca de luz as nuvens macias e alvas, enquanto cresta com os seus raios de fogo a roupagem florida que enfeita a terra.

Gosto de pensar em você nessas tardes azues e bonitas, de nuvens de seda, macias como a su'alma, doiradas e quentes como os olhos, alegres como o riso de creança que você tem e que me faz pensar muitas vezes, que a vida é para você um brinquedo divertido e amado...

Gosto de pensar em você nessas tardes de caminhos illuminados, em que vejo pelo milagre

do pensamento, você vir surgindo das dobras profundas de minh'alma, para o espelho dos meus olhos... E os outros nem sabem que é você que torna nessas tardes os meus olhos bonitos e alegres porque você é como o sol dessas tardes azues e bonitas, que illumina tudo sem que alguem o veja.

E foi pensando nessa nessa luz que doira a vida que eu escrevi para você, no azul esmaltado da tarde, a pagina mais bonita desse poema luminoso que é para mim—Você.

C e l e s t e D u t r a

Films



DOROTHY SEBASTIAN
linda estrella da scena muda

A PILHERIA

INEDITO PARA «A PILHERIA»

Eh! vamos sambar!
Eh! sambar!...
Vamos sambar o sambinha brasileiro,
O sambinha mais vexado,
Mais gostoso,
Mais mimoso,
Pra dar gosto a brasileiro!...

Eh! sambinha!...
Eh! sambar!...

Vamos puxar
Para sambar
O sambinha brasileiro,
O chamado parafuso,
Parafuso verdadeiro :

Eh!...

(tarratata!)

Parafuso, fuso, fuso, fuso...
Roda fuso, fuso, fuso, fuso...
Torna a rodar!
Aí que a gente veio ao mundo
Somente pra vadiar!...

Eh!...

(tarratata!)

Eh! vamos vadiar!

Eh! vadiar!
Vadiar, vadiar!
Vadiar no parafuso!

Eh!...

(tarratata!)

Parafuso, fuso, fuso, fuso...
Roda fuso, fuso, fuso, fuso...
Torna a rodar!
Aí que a gente veio ao mundo
Somente pra vadiar!...

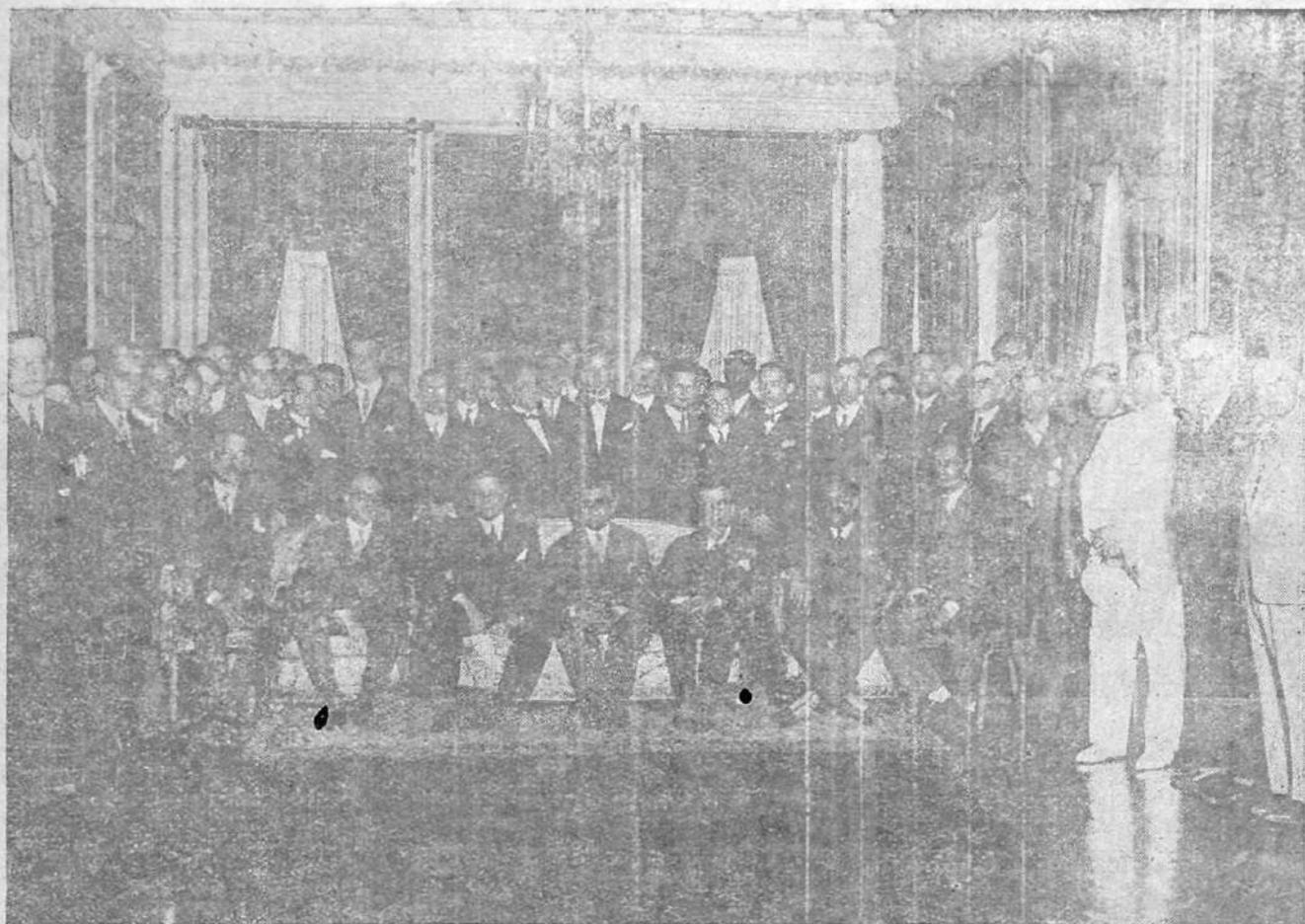
Eh! vamos vadiar!

Eh! vadiar!...



Sambinha Brasileiro

Que
Jayme
Griz
cantou



Aspecto da recepção oferecida em palácio, pelo exmo. sr. dr.
Estacio Coimbra, governador do Estado aos membros
do V Congresso de Hygiene.

BÔA

Eu, bebedo. Meu amigo, Ella, vem entrando pelo *bar*. Ella é uma morena suave como um perfume *D'Orsay*. Eu acho que ella é aristocrática como uma egua *pur-sang*. Meu amigo julga que ella é simplesmente *bôa*. Entre dois goles de *grog* eu protesto. Não ha termo mais idiota em toda a esphera. *Bôa*. Ser *bôa* é ser mediocre como uma essencia barata.

Meu amigo berra pelo *garçon*, pede *wiskey* e discorda. Eu deixo-o falar olhando um reclamo de *White-Horse*. Meu amigo é *dandy*. Eu sou pacato. Meu amigo é tolo. Eu sou teimoso. E acho-a sentimental porque usa *«indímez que moi»* de *Caron*. Sensual porque sombreia os olhos. Aristocrata porque usa *Cutex*. Meu amigo julga que ella é simples, unicamente *bôa*. E não diz porque... E' um idiota.

Eu levo vantagem. Tenho espirito na phrase galante. Meu amigo não tem. Aposto com elle

um *foie gras* no Central em como ella me ha de preferir. Elle acceta.

Ella já tomou o *ice-cream*. Vae embora. Meu amigo, deante do espelho, castiga a «papillon» rebelde. E eu estudo uma phrase a *la Marivaux*...

Vae passar ao pé de nós. A morena suave...
«...Elegante como um *Crysler*... Doce como um *suchard*...»

Ella fitou-me com ar de desdem.
Meu amigo sorrio... E, teimoso:
«...Não. Ella é simplesmente *bôa*...»
Ella voltou-se e agradeceu com um sorriso chelo de promessa.

Meu amigo olhou-me com um ar de *Scipião* e foi-lhe no encalço...

E eu, estático como um chinês, fiquei no *bar* ruidoso, sozinho, desgostoso de ter perdido o *foie* e o tempo, e ainda mais de ser forçado a pagar a despeza.

GIB KXORRO.



UM ASPECTO DO BAILE
 oferecido aos congressistas no
 Palácio do Governo pelo sr.
 dr. Estacio Coimbra

Recebi «Roseira Brava».
 Descimei a sonolência da
 mancinella.

Sonhei... que perfume de be-
 leza! Junto a mim pousaram todos
 os astros.

Sahi tonta pela estrada de Da-
 mascos procurando o tear de tua
 alma!

Tacteei nos fios esgarçados da
 neblina as tuas emoções!

Brinquei com a palheta do nas-
 cente donde tiraste as tintas de tua
 estesia!

A noite pendurou no boço um
 lenço de luar estampado de estrel-
 las e me veio perguntar pela «Ro-
 seira Brava».

Detive todos os sons para saber
 de onde vinha tanta harmonia!

Prometti liberdade aos passaros
 que me levassem ao ninho do teu
 pensamento!

Fiz inveja as abelhas com o mel
 da «Roseira Brava»!

Encomendei para o sol um

albernoz de sombras para elle não
 se tostar ao contacto de teu es-
 plendor!

Pedi a todas as sementes, tron-
 cos, flores, fructos, que me dessem
 um broto da «Roseira Brava» para
 transplantar no meu cerebro.

Na roca do meu sonho eu teei,
 então, um vestido novo para luz!
 fiz o debrum com «Praia do Meio»;
 bordei-o com «Areia Preta»; os
 trisos de «Barro Vermelho»; a tu-
 meca com «Refoles»; o cinto de
 «Castellinho N'Areia»; uma linda
 gola com «Extremoz»; os habados
 de «Pitangueira»; as fitas de «Ale-
 crim»; rendas de «Lyrio Vermelho»;
 monogramma de «Bemtevi»; alfinetes
 de «Mandacaru»!...

Ah! quando fui vesti-la des-
 pertei com o avorico das nereí-
 das do Potengy que fiavam grilhe-
 tas de perolas para aprisionar Pa-
 myra, a princeza do Norte, na ca-
 deia da immortalidade!

S O B R E

P A L M Y R A

W A N D E R L E Y



D E

M A R T H A

D E

H O L L A N D A



Um
raio
de
sol

—
escreveu

—
Diva
Dantas

Naquelle manhã nevoenta e fria, sem esperanças e cheia de desalento ella olhou para o ceu.

Da janella do pequenino quarto via apenas uma nesga desse infinito azul em que mergulhamos os olhos, o pensamento, a agudeza de nossa prescutação.

Nenhum raio de sol!

Ha vidas assim, que passam sombrias, sem aquecimento...

Não se pode saber se são as mais tristes, porque o cego de nascença não deve sentir angustia igual a do que se deslumbrou nas visões maravilhosas do Universo e um dia deixou de ver-las.

Nenhum raio de sol! Desse sol que ella via momentaneo mas do qual sentia um pouco do calor!

Para quem tem sêde, uma só gotta d'agua é alguma cousa, num roseiral esteril uma rosa é uma flôr.

Um raio de sol é luz e luz é o desfazer da treva!

E' que o sol agita os corações, aquece os telhados e os interiores e traz com isso um pouco de alegria.

Nenhum raio de sol, exclamava descolada e estatica a anciosa mulher, e a verdade é que eu nasci-vivi e creio que morrerei com a sombra no coração, no olhar, na alma toda inteira!

Um raio de sol é um pensamento de te icidade, é o calor da vida, é a luminosidade da alma, é a esperança, é a fé e seria a caridade do Ceu para a minha negra solidão!

O frio enregela-me o corpo, a neve já cae no meu cabelo, sinto-me exhausta e estou ainda no meio da jornada!

Um raio de sol!

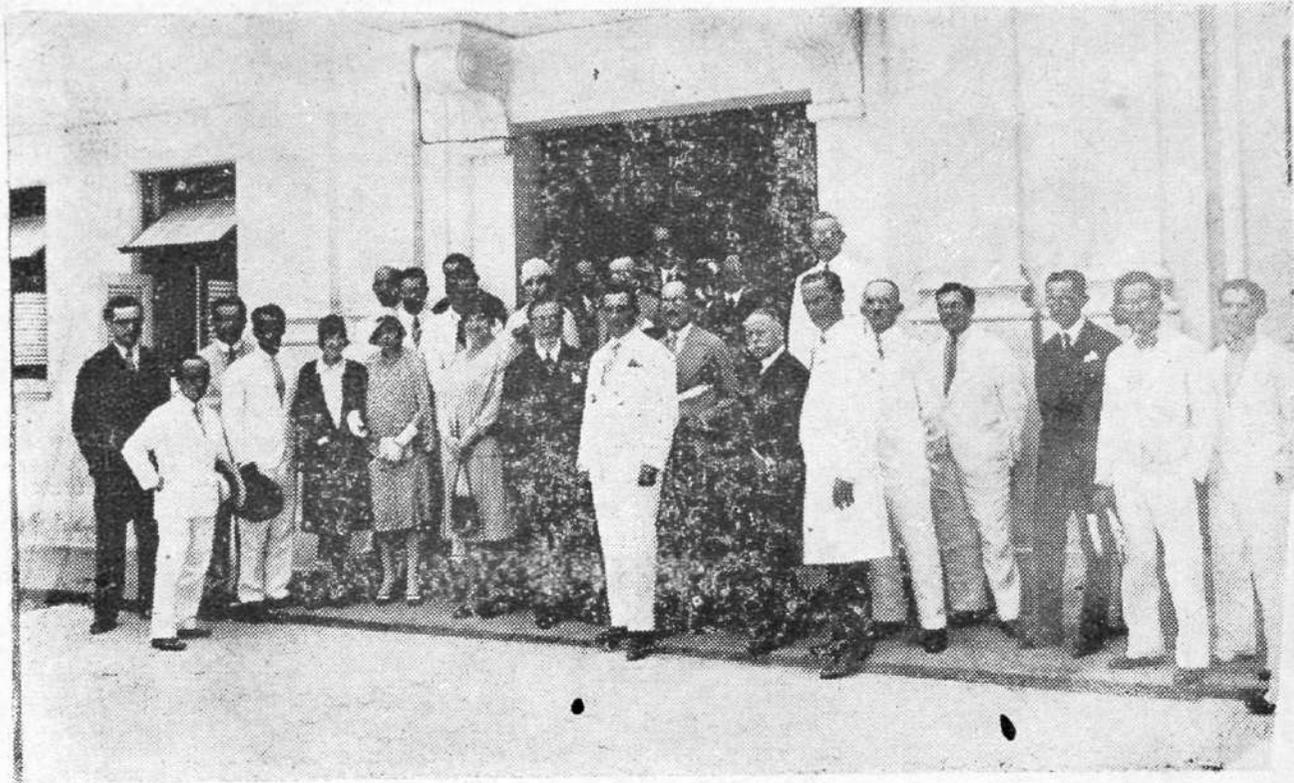
Oh! como eu anseio pela sua claridade penetrando na minh'alma, vivificando o meu ser e aquecendo tambem meu coração.

Meu coração tão frio, tão nevoento e tão deserto como a neve avacenta das steppes!

Um raio de sol!...



Outro aspecto do baile no Palácio do Governo



Visita dos congressistas ao Hospital Infantil Manoel Almeida

Petala de rosa

Pobre petala de rosa
 Abandonada
 Já calcada
 De pés, indiferentemente,
 Jaz no leito da rua...
 Do vento revolvido, o pó iluctua.
 Torvelinhando no ar...
 E a pobre petala silente,
 Outrora gracil e mimosa,
 Que fôra no conjunto da corolla
 Integrante particula de graça,
 Perde o velludo,
 A côr:
 E perde tudo,
 Toda a belleza que lhe fôra o encanto...
 Do despreso lethal e na mudez
 Nesse destino,
 A misera fenece.
 Tem a unccão amiga de uma prece...

Talvez? na flor de que se depremiera,
 Tivera um pouco de felicidade,
 Uma historia de amor,
 Dessa que ás vezes levam,
 Num momento,
 Entrelaçadas almas sonhadoras
 Para o calvario da fatalidade...

Talvez, secretamente,
 Mudamente,
 Em perfumada synthese, contenha
 Uma resenha
 De lagrimas vertidas,
 De beijos loucos,
 Nas loucas eclosões,
 Quando labios trementes
 Porejam gosos, presos de emoções,
 Ness. delirio-eue allucina as mentes...

Talvez... E, agora,
 Na poeira,
 No abandono em que se mirra,
 Assim, pisada
 De corações indifferentes,
 Quem sabe si o seu destino
 Não se irmana em sofrimento,
 Ao destlno do par
 Que a desprendera
 Da flor onde vivêra?

Quem sabe se o mesmo par
 De namorados,
 Após os beijos trocados
 Após as juras,
 Ditas
 Entre as doçuras
 Do seu delirio entontecedor,
 Não se findou soffrendo,
 Distante, dividido,
 O mesmo isolamento,
 Sem carinhos, sem vida,
 Morto de amor?
 A mente,
 Que sente
 O supplicio da via dolorosa
 De quem ama,
 Tem de quedar-se caridosamente
 E contemplar,
 Com recolhida e mystica tristeza,
 Essa angustia da petala de rosa
 Como a penar,
 Como a soffrer,
 Talvez sentindo,
 Como a gente sente
 A dor amarga e triste de morrer.

Recife, 1929.

Fernandes Ferro

UMA
HOMENA-
GEM
MUITO
EXPRES-
SIVA



A MEMORIA
DE
AMAURY
DE
MEDEIROS
PRESTADA
NESTA
CIDADE



As nossas gravuras mostram o monumento
recen-inaugurado e um aspecto da assis-
tencia no acto da inauguração, no dia
do encerramento do Congresso de
Hygiene quando discursava o
Dr. Gouveia de Barros,



Pedra azul...



(Ao bello espirito das minhas collegas
d'A PILHRIA

... Domingo, na Boa-Viagem, vendo-me escapular emfim da multidão colorida, alegre, e na praia me atouadar no «maple» tão precioso e tão barato daquelle pó dourado que as mãos miudas e irrequietas das creanças utilisam para os seus castellos, os seus bolinhos de boneca, os seus tunneis, você advinhou, e com um acerto de psychologo..

Advinhou...—Sinto um verdadeiro encantamento por aquella grande, immensa, maravilhosa turqueza luminosamente azul do mar...

Fico-me esquecida a ver no seu azul purissimo de pedra preciosa, fagulhas, laminas de prata; listas finas de ouro, sobre a sua capa sem fim de chamalote refulgente...

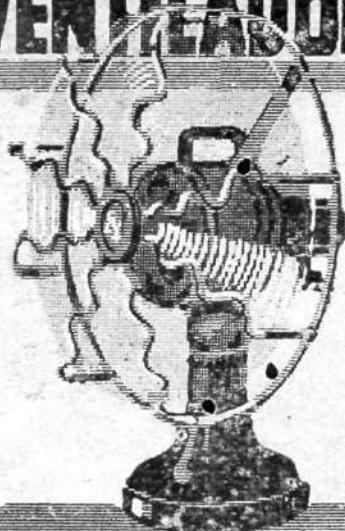
... E aquelles tufos de espuma, brancos, sedosos, macios, que se enrolam, que se desdobram, que correm atraz das ondas, que sobem com ellas, me parecem mais uns pedaços brancos de nuvem que, contêntes, maravilhados, cahiram do céu pa a ficar com as aguas azues...

... Você é um bôm, um terrivei psychologo...

— Agora já sabe da minha paixão...
pela pedra azul do mar...

Therezinha Caldas

VENTILADORES



SIEMENS

FRANK KUHNT



COMPANHIA
BRASILEIRA DE
ELECTRICIDADE
SIEMENS
SCHUCKERT
S.A.

RECIFE
AV. MARQUEZ DE
OLINDA, 142

O glorioso «onze»
Pernambucano
que venceu o
Parahybano por
7 X 3



No campo da
Avenida Ma-
laquias, no ultimo
domingo

O valoroso «onze»
Parahybano



CONFISSÃO

N'uma noite em que eu dormia tranquilamente, você me apparecera mais bella que nunca.

Dava-me o seu braço muito branco, e sahiamos a passear abraçados.

Mas unidos que a areia ao para-peito do jardim de nossa chacara.

Cortavamos aléas beijadas de leve pelas roseiras em desalinho, contando as estrellas mais brilhantes do manto celeste.

Diziamos palavras de amor para as flores nos ouvir...

Segredavamos coisas bonitas...

Mas a irreverencia da lua, obrigou-me a confessar-lhe:

«Não gosto da lua cheia,
Porque toda gente vê
Quando encosto minha bocca
Na boquinha de você...»

Mauro Lins e Silva



Cactano, — encanto do casal d.
Candida Ramos, Nestor Ramos
que faz segunda-feira o seu
aniversario

S-O-C-I-E-D-A-D-E

A Carvão

Z...

Dentro da noite escura
do meu Carvão...
você passou
— iluminou-se tudo —
a minha musa, a minha vida,
a minha inspiração...

e em vez de,
com Carvão,
de tanta luz,
meu traço fez-se a giz...
e eu escrevi cantando,
e fiz versos sorrindo
sem me lembrar ao menos
do que sobre a felicidade
por ahí, se diz !...

Você riscou o céu
da minha noite escura
como uma estrella candente
talvez que eu pedisse uma graça
qualquer...
e eu tive medo de pedir,
porque se pede a u'a estrella
mas nunca a uma mulher...

eu não faço mais fé
nas crendices do pôvo
sempre é mentira o que essa gente
diz...
desde o dia em que eu vi
uma estrella candente
e pedi, não sei quê...
e fiquei infeliz !...

GIL

ANNIVERSARIOS

FIZERAM ANNOS:

No dia 24. o dr. Raphael Fernandes, deputado federal pelo Rio Grande do Norte; o dr. José Julio Fernandes Barros, director da Saude do porto; d. Maria Esther Costa Rego, esposa do poeta Costa Rego Junior; Petrus, filhi-

nho do pintor Balthazar da Camara; a senhorinha Maria Pães Barreto, filha do dr. Francisco Torquato Pães Barreto; d. Lia Rigueira Pinto de Sousa Lima (esposa do sr. Oscar Jucá da Sousa Lima; o dr. João Raphael de Sousa Leão; o sr. Antonio Augusto de Araújo Lima; d. Maria Tavares de Lima, esposa do sr. Wencelau V. de Lima; d. Beatriz Guibson Cunha, esposa do sr. Amaro Cunha; a senhorinha Maria da Conceição, filha do dr. Paulo Guedes Pereira; a pequena Wanda, filha do capitão José Primo de Oliveira; o dr. Alvaro Simões Barbosa e o sr. Luiz de França Alves Nunes.

NASCERAM

Luiz Carlos, promogenito do sr. Luiz Ferreira de Albuquerque Mello e sua exma. esposa d. Anita Barros de Albuquerque Mello.

VIAJARAM

Do Recife para o Rio: o dr. Fernando Simões Barbosa; o senador federal dr. Sampaio Correia. o dr. A. Menezes Sobrinho; da Europa para o Recife o dr. Figueiredo Campos, consul de Portugal: do Rio para o Recife o jornalista Eudes de Barros.

Transitaram por este porto com destino á Belem a consagrada cantora patricia d. Lydia Salgado e o deputado federal dr. Alcides Bahia e exma. esposa.

Pelo Flandria regressou hontem do Velho Mundo, onde se encontrava a passeio o illustre titular sr. Barão de Suassuna, que foi recebido carinhosamente por seus amigos e parentes.

Pelo mesmo transatlantico retornou tambem á esta capital o dr. Paulo da Fonseca Lima, notavel cirurgião pernambucano. A s. s. foram prestadas expressivas homenagens.

DIVERSAS

Commemorando o seu 5º. anniversario o "Gremio Familiar Magdalenense" realizou no ultimo domingo um espectáculo de gala para o qual distinguio-nos com um convite.

Solemnizando a passagem do anniversario natalicio, na terça-feira do exmo. sr. dr. Estacio Coimbra governador do Estado, o estimado sr. Benedicto Depaula Ribeiro mandou celebrar u'a missa em acção de graça na igreja do Sagrado Coração de Jesus — Collegio Salesiano — a qual foi bastante concorrida.

FALLECIMENTO

Em consequencia de um lamentavel accidente de automovel faleceu na segunda-feira quando viajava para a Parahyba, fazendo parte da comitiva que aqui trouxera o illustre sr. dr. João Pessoa, o nosso brilhante confrade da imprensa parahybana, dr. João da Matta Correia Lima, membro de destaque na politica daquelle Estado e talentoso advogado nos auditorios daquelle capital.

O tragico desaparecimento do dr. João da Matta echoou dolorosamente nesta cidade e na Parahyba, onde o infortunado patricio gosava de radicadas sympathias.

À ULTIMA...

De FERNANDO BALTHAZAR MENDONÇA

Quando João Carpina morreu, os seus ingenuos conterrâneos — pobres tabaréos, sem eira nem beira, creados ao cabo da enxada e ao logo do sol — contavam por toda parte os ultimos instantes do marceneiro infeliz, como um episodio profundamente banal.

No entanto, o matuto analfabeto deixara para a historia dos philosophos de tempera, uma linda pagina, de commoveate belleza e que só as sensibilidades muito finas são capazes de sentir e entender com o maior dos carinhos.

Por esse traço de bohemio legitimo, sem disfarces e frottescos nem pendores ficticios, bem se pode calcular como é impressionante o espirito que vive no dezerto, fóra do tumulto das metropoles allucinadas, longe da evidencia balôfa, desafiando, sem saber que desafia, a cabotinice de um seculo paranoico.

Esse heróe da vida e da morte foi um homem extraordinariamente simples e bizarro.

Manifestava uma bem pronunciada tendência pela satyra e nunca respeitou cara feia, sempre que arrumava no cerebro uma granada de ironia capaz de esbandalhar o Corcovado de qualquer austeridade veneranda e conselheiral.

Nem mesmo o vigario da freguezia, que é por ordem natural das cousas o personagem de relevo e preponderancia nessas aldeias perdidas do contacto da civilização, teve a suprema felicidade de escapar ao relho arbitrario desse homem de irreverencias causticantes...

Esse modo de vida foi um grande prejuizo para João Carpina.

Encarregou-se elle proprio, de formar em torno de sua pessoa um cyclo de odiosidades desconcertantes.

E o resultado, foi o que todos viram... A miseria veio ter á sua porta, desempenada e audaz, entrando pela sala de frente com des-

embaraço, todo familiar e sahindo pelo cosinha com esse mesmo caracteristico de hospede intimo...

Teve que enfrentar uma horda impiedosa... O odio, o despeito a competição e... os credores.

Mas, ainda assim, o marceneiro ia atravessando... Era quase o mesmo homem. Mas feliz nas indirectas do que nunca, tomando-se em conta que a inspiração da fome é incomparavel.

Ninguem lhe dava mais traba.



lho. Era uma completa, absoluta, formal ruptura de relações, as mais distanciadas, as mais estreitas. Espécie de greve geral com o fim, o unico fim de expulsal-o, fosse como fosse, para longe da aldeia pacata e somnolenta...

João Carpina, por sua vez, tambem quiz dar uma prova cabal de sua resistencia e iniciou as reprezalias, disposto a perder o restinho que possuía, comtanto que não enchesse de satisfação gente de sangue tão podre e processos tão mesquinhos. Ademais, elle queria deixar crescer e se agigantar o capricho que lhe andava minando as entranhas... Tomou o pinhão na unha diziam os... machiaveis de fancaria, ora na botica, ora na casa do promotor, nas esquinas, em toda parte.

Se João Carpina pudesse atinar com a monumental verdade de

que CONTRA A FORÇA NÃO HA RESISTENCIA, decerto que não se atiraria, com tamanho ardor e tão grande orgulho, a uma empreza como aquella.

Começou, desde então, o seu mais cruel dismantello...

A mulher — boa mulher dizia o humilde sertanejo, banhado em la grimas — morreu-lhe de desgostos. E os filhos correram para longe, em busca de trabalho e de uma existencia menos atribulada: já que se haviam constituido na terra do berço, creaturas amaldiçoadas. Não tiveram o heroismo— pueril e curioso — do velho pae. Este, deixou-se ficar. Emperrou, e não houve jeito.

A idéa fixa de não sahir grugou-se-lhe ao cerebro como uma pscho se extranha e sem remedio, la vivendo uma vida de cachorro. Sosinho, isolado e sonhaudo um lar que desmanchara e que se tornara impossivel a sua integral reorganisação.

La um dia foi prá cama. Muito doente. Febre de rachar. Frio de tremer. Os olhos longos de quem observa uma coisa remota, ardiám-lhe como pimentas. Os cabellos mais brancos. E sempre a conversar, no delirio, com essas duas entidades que nunca deixaram de viver em perenne contenda, e por fim, na mais sublime e paradoxal harmonia: — a vida e a morte.

João Carpina era tão damnado que fazia intrigas horriveis entre ellas. No final de contas quem sahia perdendo era sempre elle, que ficava exausto, cansado e suarento e com uma secura na garganta, de quem viveu no Ceará em 77.

La morrer assim se lhe não viesse alliviar as agonias uma pobre velha que lavava roupa de ganho e era muito supersticios.

Com a mesma indifferença de sempre, elle não fez caso da companhia... E proseguiu na marcha para... o desconhecido, sem se alterar, certo daquillo que, de modo algum, para elle seria uma surpresa.

Estava tão doente que mais de uma vez andou de bocca em bocca a noticia de sua morte.

Já nos estertores, o marceneiro chamou a mulher para perto de si e começou a distribuição dos a-

caréus, designando um por um, os competentes herdeiros.

E assim se foram indo, para outras mãos, os trastes do bohemio...

O casebre ficou vasiosinho...

A boa companheira de João Carpina percebeu que nada herdaria do triste accervo. Não teve mais paciência e bradou, tripudiando das horas amargas que elle atravessava, só Deus sabe de que maneira e com que esforço, a reclamar preferência nas doações.

Sem perder a calma, historica e habitual fleugma, revivendo naquelle instante o homem do passado, viril e pilherico, decidido e honrado, João Carpina teve as seguintes palavras como resposta e consolo a tantas pragas; «O seu ficará para depois. Não se arrecei...»

Foi agua na ferura... *Sia* Janinha ficou radante, certa de que o moribundo reservara-lhe a melhor parte, uma joia qualquer, um dem de imilia...

E só não se tranquillizou duma vez porque estava vendo a hora que *elle batia o trinta e um*, sem cumprir o promettido.

Não acabara de formular esses pensamentos, quando ouviu uma voz arrastada e vacillante, chamar por seu nome. *E' agora*, pensou consigo mesma. Partiu como quem vai receber e sorte grande.

Com muito sacrificio, abriu os olhos: «Eu não lhe disse que o seu ficaria para depois? Disse.

nhor, sim, respondeu ansiosa. Pois bem, boa mulher, chegou a hora.

Um raio de alegria torpe invadiu o coração da velha.

E João Carpina, o philosopho ingenuo, tabaréu irreverente, marcando no canto da bocca murcha um riso ironico, deixou ingir essa phrase heroica: «Eu lhe deixo... o mundo! E não demorou. . Era a ultima.

Bilhete para cima

«Minha luminosa loucura — Hontem, quando estivemos na independencia, em Petropolis, você fez um beicinho e reclamo porque eu mirava embevecidamente a paisagem, ao invés de olhar os olhos de você... No momento não soube explicar a razão disto, depois, raciocinando, comprehendendo que, antes de conhecer você — Petropolis nimbado da sua permanente matizada azul e prata era monotona e tediosa... — Foi preciso conhecer você para que comprehendesse a alma estival que vive e foge em cada flor e em cada arvore da cidade das hortensias, cidade que por certo Ruskin, em conhecendo-a, teria descripto e modelado em paginas requintadas como as «Manhãs de Florença».

Quando ao lado de você, no seu «cabriolet» 40 H P., percorro ve-

lozmente os arrabaldes georgicos de Petropolis, vendo você, energica, de tuvas ousadas, mosqueteiras, numa esthetica de velocidade, formado systema nas curvas rapidas com o volante, parece aos meus olhos deslumbrados que viajo no tapete encantado das Mil e Uma Noite.

Domingo ainda, quando chovia tanto, no interior da sua linda sala, que alegria nova senti, vendo a sala encher-se da voz doce de você, que cantando aquellas estranhas canções russas, estava encantadora como nunca, o perfil illuminado, aureolado dos seus cabellos cerrados, inconfindiveis, de dogarezza veneziana.

E até hoje vivo a emoção daquelle momento da minha sahida, quando as tuas mãos pequeninas, muito brancas, vibrantes, puzeram na minha lapella aquelle botão de rosa e que o teu perfume me envolveu e comprimiu todo como um polvo aromal...

Voltando para casa, Papae do Céu mandava um diluvio em tom menor sobre Petropolis e minha alma cõtente pairava sobre as aguas, como a pomba da legenda biblica, vendo o ramo verde e veridente...

Responde hoje, responde agora mesmo. — Saudades do teu Ricardo.»

João Ribeiro Pinheiro

PÓ DE ARROZ

Lady

É O MELHOR
E NÃO É O MAIS CARO
SUPERIOR AOS ESTRANGEIROS

A venda em todo o Brasil e nas

Perfumarias LOPES

RIO - SÃO PAULO

FICÇÃO

O céu é um charco azul dos tempos prehistoricos

Monstros de nebulose
deslizam pelas aguas estagnadas.
Myriades de pontos luminosos
se balouçam na transparencia azul.
— São os seres extranhos
que vivem a existencia do ignoto...

Subito, no horizonte,
surgiu u'a manada immensa
de animaes enorme, eriçados, negros,
na confusão de louca disparada:
e as nuvens — megatherios do infinito —
pelo céu vão correndo a devorar estrellas...

Marshal Fialhos

Aos meus irmãos leprosos

Quero-te, irmão, por toda essa miseria
Em que, aos poucos, sem saber te esmagas
Pelo desmembramento da materia
Que abre em teu corpo dez milhões de chagas

Quero-te assim: na podridão funerea
De tua vida, onde pousaram aziagas
As maldições do céu, todas as pragas
De uma felicidade deleteria!

Ri, meu irmão, desse receio estulto
Com que, ouvindo o eco do teu passo,
A humanidade fôge do teu vulto,

Deixa do nojo esvasiar-se o odre!
Não vale o mundo um minimo pedaço,
Desses pedaços de teu corpo podre!

LUIZ GAYOSO



**Sta. Elsa Moraes —
formoso espirito da
mocidade recifense**

AGUÁRDEM

— Reação.

**Jornal essencialmente
popular**

URUBURETAMA

(Versos de Napoleão Menezes)

Napoleão Menezes é um dos novos do Ceará. Possuidor de um espirito bonito e de uma linda maneira de poetar, atirou á publicidade o seu livro de versos matutos que recebeu o formoso nome da terra que lhe deu o berço: URUBURETAMA.

A serra se desenha na distancia, azul como um sonho... E por falar nisso eu me lembrei que uma creaturinha intelligente da terra dos verdes mares me disse um dia: — "A felicidade é como as serras; todas as serras, ao longe, são azues... "Pois bem, o livro de Napoleão Menezes é azul como as serras ao longe. Um pedaço de felicidade. Porque "Uruburetama" é um trecho azul daquelle azul encantador do ceu cearense em noites de luar.

Todo o livro de Napoleão é como as aboclas mimosas do Ceará. Um moreninho de côr de sapatilha madura que olham pra gente como quem não quer querendo... O verso de Napoleão traduz bem a alma da sua raça, simples e bôa; o verso do poeta da raça, na phrase de Max Monteiro, é bem irmão do verso de Catulo. E Napoleão Menezes é o Catulo cearense, do Ceará.

A sua linguagem é como a fala tatibitate das creanças que ainda não pensam em modas e artificios. Despida de vaidade, tal qual a fala do cearense, descansada e cantante, conhecida onde quer que se a oiça.

Decantando a sua terra, vendo-a na lembrança da sua meninice, exclama num suspiro prolongado:

"Buretama... Eu te quero, tanto, tanto, qui quando vejo alguém in tã fallá, sinto os meus óio mergulado in pranto,

para depois mandar-lhe o coração "na language singela" do seu verso.

As mãos de uma pripióica deram-lhe um lindo motivo para dizer:

"Deus, o rei da criação
prá móde Eva inventá
foi necessario furtá
uma costella de Adão,
Assim, Rosinha, eu tã crente
qui Deus tomem fez um arranjo
robando as mão dum arcanjo
dando a tú cumo presente."

Mas, em "Boca cheirosa" é que elle deu toda a sua alma num verso. Foi na Varjota. Num terço. Dançou com certa mulata que lhe deixou uma recordação tamanha de sua bocca... E elle nunca esqueceu a tal bocca e foi para ella que escreveu estes versos adoráveis:

"Cabôca, linda cabôca,
linda mulata mimosa,
tua bocca é tão cheirosa!
Cheira tanto a tua bocca!
Qui si um dia eu te beijasse
cheio de amô e ciúme
talvez qui um anno eu passasse
arrotando o teu perfume!

Pode quem quizer achar mal empregado este "arrotando". Eu o acho formidavel. Porque o caboco não pensa para falar. A palavra que lhe vem a bocca sae com aquella simplicidade que caracteriza o nordestino.

"O Curú" é na pagina encantadora e emocional. Leia-mos alguma coisa:

"Num sei pruguê certa gente
perde o seu tempo a cantá,
a fazê verso, a rimá,
sempre na mesma tangente,
tudo pru causa do má..."

Eu qui sou da Buretama,
terra qui me faz saudade
dei um passei na cidade.
só pru móde a sua fama
fui vê o má... Bestidade!

Sim, o Leonardo Motta tem no seu repertorio a historia do matuto que vendo o mar exclamou: — "Tibis, qui mazão besta!" E Napoleão mostra a belleza do Curú, o rio da sua terra, "brabo", correndo em borbotões. Lembra-se, no entanto, que todo rio corre para o mar e pergunta:

"Curú, pruquê tu num cresce
como o Má! Pruquê tudo desce
deixando nós a chorá?
Curú veio sem coração!
Pruquê tu deixa o sertão?
Pruquê tu corre pru má?"

Basta. Nem mais um pingo de tinta para dizer da belleza do livro de Napoleão Menezes. Não molharei mais a minha penna porque quero que os que me lêem procurem conhecer de perto o poeta da raça, o cantador dos versos lindos do "Pé de Maracujá". E eu estou ás ordens para satisfazê-los, avisando-os de que o livro é pobre porque o poeta é pobre: mas o miôlo é que o vale...

(Confere com o original)



CAIXA DA "A PILHERIA"



MARCELLO MAURICEA (Capital) — Recebidos o poema e a chronica. Ambos estão fracos, mas em todo caso são oppoñtunos e vão ser aproveitados como estímulos. Continue a mandar-nos cousas boas.

NELSON ALCANTARA (C. do Rio) — O seu *Muleque da Rua* veio correndo para as nossas paginas com uma vontade louca de entrar...

E entrou mesmo... Entrou porque disse o Amadeu, "como arte nova, o muleque presta"...

Continue seu Alcantara, e veja se consegue calçar sapatos nesse nêgo...

JOHN LICY (Cidade Maurícia) — Recebemos os seus dois trabalhos inauguraes. Estão mais ou menos em forma, e vão ser collocados em nossa revista.

Mas veja bem que isto nada quer dizer, pois si o sr. não continuar a nos mandar boas cousas, cairá na *cesta*, com tanta certeza, como "dois e dois são quatro"...

Entretanto a sua carta merece uma publicação, não só pela originalidade com que escreveu, a redigiu, como também porque deve ser lida por alguns indesejaveis que ainda vegetam por ahi...

Vejamos a sua carta:

Cidade-Maurícia-13-10-929.

Meu carissimo Celyo de Almada.

Saudações.

Vae chegar mais um para o seu tribunal literario. (Antes de tudo, você vá logo desculpando a intimidade, mas, eu sou doido por esse tratamento).

Na verdade não tem nada de

agradavel ser o critico de uma revista.

Aparecem uns taes... Com franqueza seu Celyo: eu tenho até pena de você! E ainda tenho mais pena de você, agora, que vae supportar essa enorme *xaropada* que lhe envio...

Mas não tem nada não. Você é um critico camarada (coisa até difficil!) que sabe auxiliar, encorajar, estimular... e por isso eu lhe mando agora dois trabalhos, um em prosa, e outro em versos, para serem submettidos á jurisprudencia do seu talento, pedindo eu para eles, publicação ai, na sua queridissima *A Pilheria*.

Digo-lhe, no entanto, que ambos podem se ajustar, ás mil maravilhas, entre as coisas imprestaveis da *cesta*...

Mas, como sua bondade é grande, eu espero publicação.

Adeus. E um abraço do

JOHN LICY

E continue com as suas "xaropadas", seu John Licy.

MARQUEZ DE LATOUR (Capital) — Seu Marquez! Ja tenho visto muito marquez relaxado, mas com o sr... NÃO...

Um marquez que se preocupa com morenas, e logo *Morena do Pina*... Francamente o lugar não podia ser menos perfumado...

Veja só, seu Marquez a sua beleza de collaboração.

Sr. Celyo.

Saudações.

Remetto-lhe um trabalhinho meu em versos; o primeiro. Não sei si o mesmo está bom. Se não tiver publique-o; do contrario ponha-o na *cesta*; mas, peço-me por favor não o critique sem piedade, não...

MARQUEZ DE LA TOUR

MORENA DO PINA

Morena, morena,
Rainha do Pina,
Morena, é pena
Triste a minha sina
D'um dia eu não poder
Ter-te ao meu lado
E a ti pertencer
Ser idolatrado;
Tu és linda, és sim
Morena, eu acho.
Mas a vida assim
De úvas num cacho
E, ás vezes, é ruim
Pelas ondas do mar
Do mar que tu gostas
E, lá, vae te banhar
Na praia te postas;
Morena! Morena!
Eu sou um infeliz!
Morena, é pena
Assim Jesus o quiz.

Receba os versos meus
E os escondas bem
Sob os olhos teus.
Elles são de alguém
Quê achando linda
A morena pura
Declarando linda.

Isto é loucura?...

MARQUEZ DE LA TOUR

E o sr. não tem direito de ficar zangado.

Porque alem ter mandado uns versos horrosos, disse por fim que tudo era loucura.

Ora, um doido não tem direito de se zangar com ninguém...

Mas afinal, aqui p'ra nós, seu

Marques, o sr. nem é doido nem nada. O que o sr. é, é trouxa.

E eu estou contentíssimo com o "fôra" que a Morena lhe deu...

M. P. (Capital) — Li com o cuidado o seu sonêto *Desejos*.

E com franqueza, não gostei... Não gostei porque sonêto só bom, e o seu nem pode ter classificação.

Vejamos a sua "obra-prima".

DESEJOS

Para você Craya, que me chamou de Gury.

Quando tú passas toda requebrada,
Com o vestidinho justo, bem na moda,
Deixas minh'alma toda allucinada
Pela graça que te envolve toda.

E quando os teus passos vão cadenciados,
Das no teu corpo voltas de serpente,
Os meus olhos ficam extasiados
Pelo desejo que é de mais ardente.

Tenho vontade de beijar-te tanto...
E de morder-te a bocca canto a canto...

Embora tu me mates com o teu beijo

Mas cohibo um pouco o meu desejo!...

Mata-me, por Deus, com os teus abraços,
Quero morrer, sorrindo, nos teus braços!...

M. P.

Recife, 14 de Outubro de 1929.

— Seu môço, que negocio é esse de seus olhos ficarem extasiados pelo desejo que é de mais ardente?

E você, quer beijar a bocca de sua deusa de canto a canto?

Nem que ella tivesse a bocca do tamanho de um bonde...

Então você quer morrer sorrindo nos braços della, hein seu maganão?

— Para lhe fallar com franqueza, seu M. P. o que mais me entusiasmou foi a dedicatória do seu sonêto.

— Si Dona Craya lhe chamou de gury, foi muito tola porque chamar de gury a quem tem tanta van-

tade de morder a bocca dos outros!...

Eu lhe chamaria de cannibal, comprehendeu seu M. P. Cannibal de verdade bugre-antropophago...

D. TOPREÃO (Capital) — O seu "Rua-Nôva" chegou ás nossas mãos por intermedio daquella nossa amiguinha.

E nem a belleza, nem a sedução que se irradia da sua *madrinha*, evitaram que a sua chronica repouzasse no fundo da nossa cesta.

Porque afinal, o sr. pensa que ser chronista é a mesma coisa que tomar *le-cream-soda* no Gloria?

Não, seu Torreão!

RUA NOVA

(Close-nyos)

De Danilo Torreão

Sabbadô, 31.

Não sei porque, mas depois que dei para andar ás voltas com a Lilota não tenho mais tempo para nada: chego no escriptorio atrazado; saio antes da hora... E' que Lilota, essa encantadora garota, esse "bijouzinho" e essa figurinha exotica, que enche de alegria a cidade, é capaz de reinar a cabeça ao sujeito mais avesso ás mulheres! Eu bem o sei...

Lilota é uma especie de flôrebreira, incomprehensivel e incomprehendida, unica, azangada e irrequieta a passar pela vida dando-lhe com os pés, sem ligar-se a nada, e que bem sabe que o mundo é uma bola.

Quero dizer: Lilota é a maior representante do optimismo.

Entretanto, dentro da sua cabeçinha de vento, há mais juizo do que se pensa. Seu corpo esguio, anda num compasso "acto irreflexo", de movimentos, e su'alma, *philantropica*, é prehe de bondade, de uma, enorme bondade.

E é por isso que eu gosto della. Porque, apesar de pyramidal, ultracolosso, ella é de uma personalidade impitavel, onde jamais o orgulho penetrou. Captiva. Agrada. Seduz.

Lilota é magra. Magrissima. Sua cintura a maneira de uma "pômesa" e o seu corpo esguio, dão-lhe o verdadeiro typo da garota "flapper". Pois bem: ella tem andado maniaca, *roxa* por emagrecer...

— Queres virar palito, Lilota?...

— Cala-te, Isaac. Pelo que vejo, nada entendes de... Anthropometria. Os meus quadris, ligeiramente desproporcionaes ao meu corpo e o comprimento insufficiente da tibia, requerem um grande e rigoroso regimen.

— Certo, Lilota!... Onde demonio aprendeste tanta coisa?...

— Pelo que vejo, és sempre um... coronel, não?

E concertando a minha gravata e chegando-se para mais perto de mim:

— Magoei-te filhinho? Tambem, Isaaczinho, não sabia que ignoravas que acabo de receber de Galveston os ultimos catalogos de Belleza e Anthropometria Femininas e que para o futuro, os homens apenas casar-se-hão sob... medida.

— Disso já ouviu falar, Lilota. Mas... Prefiro, calar-me. Estás hoje piégas e não me comprehendes.

Ella calou-se.

Esqueci-me de dizer que a nossa palestra foi feita no fim da tarde na Confeitaria, enquanto saboreavamos algumas gulodices.

ISAAC

DANILO TORREÃO

Mude de vida, môço, e não faça mais o papel feio de mandar seus trabalhos pelas mãos da nossa deliciosa collaboradora, ouviu?

Senão eu sou capaz de fazer um trabalho e assignar com o seu nome, só para não desgotar a nossa amiguinha...

CELYO DE ALMADA.